

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ENTREVISTA COM A PROF^a DR^a HELENA COPETTI CALLAI

Diretoria AGB-PA

Boletim Gaúcho de Geografia, 24: 152-156, maio, 1998.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39294/26312>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

quinta a oitava séries. O grande desafio está, em meu entender, no âmbito da capacitação do docente de Geografia. Este tem como tarefa projetar na escola um ensino de qualidade nessa área. O espaço ainda existe, ele precisa ser ocupado com competência, buscando uma renovação, uma Geografia que ainda não aconteceu substancialmente em relação à Geografia que se ensina.

7.8. Um recado

Para finalizar, deixo um recado. Completo 25 anos de formação em Geografia e de sócia da AGB neste ano de 1998. Durante este tempo todo dediquei meu trabalho à Geografia e em alguns anos à AGB (participando em diretorias: local e nacional), com muito carinho. Acredito e basta ler a reflexão feita por outros cientistas sociais, que o espaço e a Geografia são hoje fundamentais. A temática geográfica está sendo cada vez mais exigida em termos de sua compreensão. É preciso estarmos atentos.

ENTREVISTA COM A PROF^A DR^A HELENA COPETTI CALLAI

Helena Copetti Callai é professora no Curso de Geografia do Departamento de Ciências Sociais e no Curso de Mestrado em Educação na Ciência da UNIJUÍ. Associou-se em 1973, mantendo vínculo permanente com a entidade desde então, participando e promovendo as atividades da AGB-PA.

1. Como você chegou à escolha do Curso de Geografia?

Ao entrar na universidade queria escolher entre Filosofia e Estudos Sociais, na época – Licenciatura Curta. Por razões de mercado de trabalho optei por Estudos Sociais. Ao concluí-lo, o que me pareceu mais interessante para estudar foi Geografia Humana. É bom salientar que na época era uma Geografia essencialmente descritiva, de informações. A Geografia Física descrevia a terra em seus vários aspectos e a Geografia Humana envolvia um pouco mais de discussão e de reflexões sobre o homem e a sociedade. Ingressei no curso de Geografia (Licenciatura Plena) pensando na especialização nesta área. Desde lá tenho trabalhado a Geografia (especialmente na dimensão do ensino) na perspectiva de que seja uma ciência social, que estuda o humano e o físico, não privilegiando um ou outro, mas considerando o espaço construído pelo homem; um espaço que ao mesmo tempo em que é a base territorial do homem é também um elemento ativo, que interfere nas ações dos homens.

2. Quando ouviu falar em AGB pela primeira vez?

Em 1973, quando no Departamento de Ciências Sociais da FIDENE/Ijuí recebemos um convite para participar de um curso ministrado pela Prof^a Livia de Oliveira, da UNESP/Rio Claro, sobre Metodologia e Didática da Geografia, que marcava a funda-

ção da AGB-PA. O curso tratava das questões de ensino da Geografia e do trabalho com mapas. Iniciava, então, a AGB-PA já trabalhando com o ensino, discutindo proposições a respeito. Esta área é um marco na entidade, que faz a condução da Geografia no Rio Grande do Sul. Em 1981, no II Encontro Regional de Professores Universitários de Geografia, realizado em Santa Maria,¹ nós professores do Departamento de Ciências Sociais participamos. Discutíamos, na época, as formas e os modos de encarar a Geografia e de realizar seu ensino. No ano seguinte o encontro foi em Ijuí. Contou com a presença do professor Armen Mamigonian, da UFSC, entre outros convidados. Refiro sua participação por ter se originado aí a idéia de fazer o encontro seguinte em Florianópolis. Seria um encontro regional, envolvendo pelo menos o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Por motivos que desconheço, o rumo foi outro e o encontro aconteceu em Passo Fundo. A partir da década de 80, a minha impressão é de que a AGB-PA passou a ser mais atuante no sentido de envolver os professores, propor a condução das discussões e socializar o que se faz em Geografia.

Até então eu já havia participado de cursos para professores e excursões de Geografia promovidos pelo IBGE, no Rio de Janeiro, onde eu havia feito um estágio de pesquisa no setor de Geografia do Brasil, que tratava da Região Sul. No meu entender ou a AGB era mais elitista ou mais restrita a determinadas questões e pesquisadores. Hoje ela é bastante conhecida e os alunos têm informações sobre a entidade através das publicações que usam em aula, inclusive, e pelos encontros regionalizados que têm acontecido.

3. Na sua opinião qual é o papel político, cultural e científico da AGB, no Estado e no País?

O papel da AGB é significativo no sentido de congregar os profissionais de Geografia (técnicos e professores), oportunizando-lhes o acesso às informações pertinentes ao seu trabalho, levantando e criando condições de discussão de temas relevantes para a compreensão da realidade brasileira e mundial. Tanto a promoção/publicação de trabalhos científicos quanto a reunião para discutir as questões que nos envolvem direta ou indiretamente são fundamentais. Os encontros regionais e nacionais são momentos de troca de experiências que marcam as pessoas e a sua ação. A oportunidade de discussão e até o 'sentar junto' dos profissionais e dos estudantes, dos antigos e dos novos, é uma situação extremamente rica que a AGB propicia. São momentos de balanços, de avaliações e de questionamentos, de trocas de experiências e, inclusive, de desafios a encarar em novos projetos.

4. Cite três nomes de intelectuais que influenciaram e/ou influenciam sua formação.

Milton Santos, Manoel Correa de Andrade e Yves Lacoste. O primeiro me fez perceber, quando eu ouvi sua primeira palestra realizada no Brasil, na USP, no final da

¹ O primeiro destes encontros promovidos pela AGB-PA havia sido realizado no ano anterior, em Caxias do Sul. Em 1981 ocorreram dois encontros, um em Santa Maria, reunindo professores universitários, e outro em Porto Alegre, dirigido a professores de I e II graus. (Nota da Diretoria.)

década de 70 (quanto ele retornava ao País), que a forma de entender Geografia que eu buscava empiricamente era possível. Do mesmo modo, Lacoste – quando li a versão ainda pirateada do livro *A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*. E Manoel Correa de Andrade que, com seus estudos, escritos e palestras (algumas, inclusive, aqui em Ijuí) motivou a pensar e fazer Geografia como uma ciência que envolve e nos faz envolver com a sociedade na busca das explicações para a realidade social, que apresenta espacialmente os resultados dos processos sociais.

Mas o livro de Werneck Sodré (Introdução à Geografia, 1976) foi o que expressou, na sua publicação, que a Geografia poderia ser uma ciência que ia além daquilo que os livros didáticos apresentavam e o senso comum tornava público e corriqueiro. Foi o ponto inicial.

Estas foram as bases para dar sustentação a buscar um ensino de Geografia mais conseqüente e para saber que a Geografia não precisava ser apenas enumeração de dados e informações, mas que nos permitia um referencial de análise para dar conta de explicar a realidade.

5. Quais os lugares onde você estudou e trabalhou?

Trabalho desde o início da minha vida profissional na FIDENE/UNIJUÍ. Enquanto estudava, fazendo curso de Magistério e de Estudos Sociais, trabalhei como professora na rede pública, em cursos supletivos e no 1º grau – nas séries iniciais e na área, Geografia. Estudei também nesta instituição (UNIJUÍ), à qual devo a base da minha formação intelectual. O convívio com colegas das Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais, ao qual está adscrito o Curso de Geografia, me fez ter a concepção de Geografia que tenho hoje. Estudei parte da graduação na PUCRJ e a pós-graduação (mestrado e doutorado) na Universidade de São Paulo.

6. Como você conciliou e concilia a profissão e a família?

Tranqüilamente. Na minha família é 'natural' que cada um tenha a sua profissão (e seus afazeres desde cedo) e procure desenvolvê-la do modo mais intenso possível. Os transtornos causados pelas ausências necessárias são compensados por esta compreensão. O equilíbrio é encontrado no aumento de trabalho de um ou de outro, quando é necessária a maior liberação. Não há regra. Há convívio e a ajuda mútua na medida em que surgem as necessidades. Mas não se fala de trabalho ou do trabalho todas as horas de todos os dias.

7. Qual a sua opinião sobre os seguintes temas, questões ou assuntos:

7.1. Geografia Física ou Geografia Humana.

As duas, na perspectiva do humano.

7.2. Paisagem ou Território.

Paisagem, que é o 'retrato' do espaço, em um determinado momento, expressando a trajetória, a história de quem vive ali.

7.3. Licenciatura ou Bacharelado.

Licenciatura, pois me dedico a mais tempo. No bacharelado estamos iniciando uma experiência muito interessante, aqui em Ijuí.

7.4. Um momento marcante de sua vida profissional.

O 'Projeto de Estudos Sociais', trabalho que foi o coroamento de uma trajetória da busca para melhorar o ensino e uma marca sobre a qual continuamos.

7.5. Um momento marcante de sua vida pessoal.

O nascimento dos três filhos, em meio à vida profissional, e a presença constante deles nos 'vai-e-vens' da vida.

7.6. Uma atividade de lazer especial para você.

Viajar com toda a família.

7.8. Um recado.

Vale a pena ter uma profissão. Gostar dela e se realizar profissionalmente. Dá qualidade à vida familiar, o que é o mais importante, e pessoalmente permite que a gente tenha as rédeas de nossa vida em nossas mãos.

8. Quais os desafios do ensino da Geografia no Brasil em tempos de Nova LDB, PCNs e liberalismo?

O desafio maior é fazer com que o ensino da Geografia seja significativo para a vida do aluno; que trate de questões que tenham a ver com o mundo em que vive. É permitir que se desenvolva uma aprendizagem do 'mundo da vida', compreendendo o espaço como o resultado dos processos sociais, econômicos, políticos, culturais, que estão acontecendo no mundo. Estes processos marcam o espaço, deixam nele a sua história. Isto é diferente de ficar descrevendo (apenas) paisagens que não existem mais. Num tempo de 'flexibilização' (proposta pela LDB/PCN) e liberalismo cabe-nos ter clareza de qual seja o objeto da Geografia, qual o seu método de estudo, e ser fiel às concepções adotadas. Cabe a nós, professores de Geografia, garantir a sua consistência como disciplina escolar. E aí a questão é a formação do professor, seja em sua formação profissional, seja na formação continuada.

As proposições governamentais são contraditórias. Ao mesmo tempo em que dão abertura, nos limitam através das avaliações, por exemplo. Se nós professores não tivermos clareza do que fazer e como conduzir o nosso trabalho, facilmente seremos conduzidos de fora de nós.

9. Numa retrospectiva avaliativa da proposta de ensino de Geografia e História da UNIJUÍ em parceria com professores do município, o que seria importante destacar?

Foi um trabalho que marcou a todos os envolvidos (universidade, associações de professores, alunos, escolas, SMEC, DE). Surgiu pela necessidade de se encontrar alternativas que tornasse mais significativo o ensino de História e de Geografia na escola de 1º grau. E, mais que isto, surgiu da demanda dos próprios professores. Foram eles que exigiram das instituições que coordenam o ensino (SMEC-DE) alternativas de encaminhamento. A universidade, através do Departamento de Ciências Sociais, foi chamada à discussão. A parceria que se estabeleceu a partir daí foi uma inovação para o trabalho que era realizado. As discussões se intensificaram e no andamento é que iam sendo definidos os encaminhamentos. Assim foi que resultaram os livros escritos por professores indicados pelo grande grupo, juntamente com professores da universi-

dade. Para nós, envolvidos, a produção do livro de Metodologia e os livros para cada série (de uso dos alunos) foi um resultado do trabalho, um fruto muito interessante. Mas o motivo primeiro do trabalho era a discussão coletiva e as definições que se tomavam. Acreditamos que foi um momento em que os professores do 1º. grau tomaram nas mãos (nas próprias) as rédeas do seu fazer no processo ensino-aprendizagem.

A continuidade do trabalho vem se dando ao longo do tempo de variadas maneiras: pelo uso do material ainda hoje pelos alunos, ou apenas entre os professores para o planejamento; pelas constantes exigências dos professores que atuam no ensino fundamental e dos alunos dos cursos de História e Geografia da Universidade; e pelas demandas de palestras, cursos e produção de material didático.

Da parte da Universidade há um desafio permanente quanto a um papel que temos que desempenhar, precisando constantemente estimular nossa criatividade. Da parte das escolas públicas e suas instâncias de coordenação/direção houve, no decorrer do trabalho todo, os limites postos pelas mudanças de perspectivas e proposições para a educação pelo Estado e pelo Município.

No caso da SMEC-Ijuí, independente das mudanças de governo, aquela Secretaria de Educação tomou a idéia como sua e mantém, ao longo de todo este tempo, as premissas básicas enunciadas para o ensino de Geografia e de História pelo “Projeto de Estudos Sociais”. Tem preocupação constante em atualizar os professores e envolver os que estão entrando no magistério. Isto permite que o trabalho continue andando, mudando sempre, é claro. Mas avançando e exigindo de nós, na Universidade, idéias novas e exeqüíveis.

Reporto ao trabalho desenvolvido, a frequência com que os alunos do curso de Geografia e de História, na monografia de conclusão de curso de graduação ou especialização, tem se preocupado em estudar questões referentes ao ensino de Geografia e História, no ensino fundamental. Muitos alunos têm preocupação em estudar questões referentes ao processo de ensino-aprendizagem com o “olhar” de que seja útil para os professores e escolas. Além disto há estudos que avaliam o processo desenvolvido.